

REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE SURDA A PARTIR DA POESIA NEGRO SURDO (*SLAM DO CORPO*)

[REFLECTIONS ON DEAF IDENTITY FROM DEAF BLACK POETRY (*SLAM DO CORPO*)]

GERCIANE MARIA DA COSTA OLIVEIRAⁱ

ORCID0000-0003-4285-5405

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA – Mossoró, RN, Brasil

KYARA MARIA DE ALMEIDA VIEIRAⁱⁱ

ORCID0000-0001-8147-4643

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA – Mossoró, RN, Brasil

DENISE PENHA VIVEIROSⁱⁱⁱ

ORCID0000-0002-6398-3468

Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA – Mossoró - RN, Brasil

Resumo: O estudo da poesia Negro Surdo do *Slammer* Edinho Santos, representante do grupo *Slam* do Corpo, e sua relação com a identidade surda. Partindo de pesquisa de caráter *Netnográfico* (HINE, 2004) desenvolvida no ciberespaço. A poesia foi analisada a partir de pressupostos teóricos dos estudos culturais (HALL, 2006); (BAUMAN, 2005); (SKLIAR, 1998) e estudos surdos (PERLIN, 1998); (STROBEL, 2008). A análise possibilitou concluir que a voz surda é uma voz de resistência e existência cultural, uma vez que a performance apresentada reforça a identidade e cultura. surda.

Palavras-chave: *Slam* do Corpo; Identidade; Discurso surdo

Abstract: The study of the poetry Negro Surdo by *Slammer* Edinho Santos, representative of the group *Slam* do Corpo, and its relationship with the deaf identity. Based on a Netnographic research (HINE, 2004) developed in cyberspace. Poetry was analyzed from theoretical assumptions of cultural studies (HALL, 2006); (BAUMAN, 2005); (SKLIAR, 1998) and deaf studies (PERLIN, 1998); (STROBEL, 2008). The analysis made it possible to conclude that the deaf voice is a voice of resistance and cultural existence, since the performance presented reinforces identity and culture.

Keywords: *Slam* do Corpo; Identity; Deaf speech

1. Introdução

No Brasil, sabemos que o reconhecimento do direito das pessoas surdas utilizar uma língua, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), como sua primeira língua em todos os ambientes no país, somente aconteceu após a Libras ter sido reconhecida através da Lei nº 10.436 de 24 de abril, de 2002 e do Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 que regulamentam o dispositivo jurídico de acessibilidade e a educação inclusiva. Neste sentido, a Libras garante a inclusão do surdo por meio da comunicação em sua língua primária.

Este reconhecimento foi muito importante para a comunidade surda, uma vez que as características próprias que demarcam sua especificidade passaram a ser respeitadas pela comunidade ouvinte.

Tendo em vista que a história desses sujeitos é marcada por um forte embate entre surdos e ouvintes, no qual o conceito de normalidade¹ justificou ações extremas de exclusão e até mesmo busca de eliminação, a utilização e fortalecimento da língua de sinais, apresentou-se como um importante marcador identitário representativo do “orgulho de ser surdo” e de sua cultura.

Antes a história cultural dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficientes, anormais, doentes ou marginais. Somente depois do reconhecimento da Língua de Sinais, das identidades surdas e, na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram a ganhar força as consciências político-culturais. (STROBEL, 2008, p. 90)

Strobel (2008, p. 29) afirma que “os sujeitos surdos pela ausência da audição percebem o mundo através de seus olhos, e tudo que ocorre ao seu redor”. Sendo assim, a percepção do mundo pelos surdos se faz, predominantemente, por experiências visuais que são distintas do grupo de ouvintes. Mediante essas experimentações, o surdo²

¹ Para Veiga-Neto (2001), por normalização se entende a ação à norma, através de um movimento de separação entre o normal e anormal, marcando a distinção entre normalidade e anormalidade. De acordo com o livro “A surdez - um olhar sobre as diferenças”, a “[...] tentativa de normalização e medicalização do sujeito surdo em um sujeito adaptado, oralizado em relação ao padrão ouvintista” (SKLIAR, 1998, p. 18) ocorreu a partir de práticas extremamente violentas e excludentes.

² Por povo surdo, entendemos o grupo de sujeitos que tem a mesma língua, costumes, histórias, tradições e interesses. Já comunidade surda, seria o grupo de pessoas que não necessariamente é surdo, mas que

constrói sua própria cultura que se manifesta por diferentes artefatos tais como: experiência visual, língua, família, Literatura Surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais, todos integralizados à vida do povo surdo.

Dentre alguns aspectos presentes entre os surdos, a cultura surda é marcada pelas experiências visuais, incluindo a língua de sinais, que o surdo utiliza da visualidade das imagens para compreender o mundo. Observando, comunicando e experienciando todas as atividades sociais, assim como os ouvintes, ele vai construindo suas vivências no mundo e utilizando a língua sinalizada como instrumento central para todas as atividades humanas (PEIXOTO; VIEIRA, 2018, STROBEL, 2009).

Assim, a cultura surda se constitui de manifestações que refletem a memória de seu povo, sendo compartilhados aspectos comuns de identificação. Desta maneira, ela se inscreve no debate que aborda as multiculturalidades. “A cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte, não é o seu revés, não é uma cultura patológica” (SKLIAR, 1998, p. 28). O conceito de cultura surda não pode ser pensado como uma simples oposição, falta e incompletude da noção mais ampla da cultura ouvinte, pois se constitui dentro de um sistema simbólico que possui uma lógica própria, com artefatos culturais específicos.

Um dos artefatos culturais classificados por Strobel (2009) é a Literatura Surda³ que se refere às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem sentimentos de dificuldades e/ou vitórias das opressões de ouvintes e de como se saem em diversas situações inesperadas, de sua vivência.

A literatura para surdos e a literatura de surdos, segundo Peixoto e Vieira (2018), é denominada Literatura Visual, composta pela Literatura em Libras e uma Literatura Surda, esta última sendo produzida por membros da comunidade surda.

A partir das poesias em Libras, que são utilizadas como meio de manifestação da cultura surda e que estão categorizados dentro da Literatura Visual, esse artigo se propõe a discutir como a poesia do *Slam* do Corpo apresenta a identidade surda a partir da poesia do *Slammer* Edinho, baseando-se em pesquisa de caráter Netnográfico, a partir de produções veiculadas no ciberespaço. O artigo está estruturado da seguinte

apoia ativamente os objetivos da comunidade e trabalha em conjunto com as pessoas surdas (STROBEL, 2008).

³ Literatura Surda: histórias de comunidades surdas em diferentes lugares e tempos, compartilhadas entre os surdos, seus contos, piadas e outros gêneros (GOMES, 2016).

forma: Iniciando a Introdução, com a contextualização do tema. Depois na sessão 2, intitulada “As poesias do *Slam* do Corpo” irá historicizar a emergência do *Slam* e seus desdobramentos no *Slam* em Libras no Brasil; na sessão 3, nomeada de “Pensando as Identidades Surdas” traz uma discussão conceitual acerca da produção da identidade e da diferença, e seus entrecruzamentos com a identidade surda; na sessão 4, são apresentados os percursos da “Metodologia”; na penúltima sessão, intitulada 5. Análise da poesia Negro Surdo, foi realizada a análise da poesia escolhida; por último temos as Considerações Finais, onde são apresentadas as conclusões que a pesquisa e a análise dos dados nos permitiram construir.

2. As poesias do *Slam* do Corpo

O *Slam* nasceu em Chicago em 1984, quando um operário da construção civil e poeta, Marc Kelly Smith, realizou um show chamado “*Uptown Poetry Slam*”. Assim, nomeou de *Slam* os campeonatos de performances poéticas (chamadas de batalhas), onde os “*slammers*” (poetas) apresentavam suas poesias e eram avaliados com notas pela plateia presente no evento (NEVES, 2017).

Atualmente, os *Slams* em Libras estão disponíveis em plataformas digitais diversas como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube*, *Vimeo* e outros. O primeiro grupo de *Slam* do corpo no Brasil foi criado pelo coletivo “Corposinalizante”, a partir de oficinas de *Slam* oferecidas no ano de 2013 no Museu de Arte Moderna – MAM/SP. O coletivo reunia surdos e ouvintes para performances poéticas entre a Libras e o Português, como é descrito em seu *site*:

Grupo Corposinalizante, integrado por surdos e ouvintes interessados na língua brasileira de sinais, criou o *Slam* do Corpo [...]. Este *Slam* nasceu do nosso desejo de experimentar performances poéticas numa composição entre a língua portuguesa e a língua de sinais, entre surdos e ouvintes. [...] Em suas performances, às vezes as línguas se diferenciam, cada uma acontece em sua gramática própria; noutras vezes, se entrecruzam. Esta experiência chamamos *beijo de línguas*. (SLAM DO CORPO, 2017)

O *Slam* em Libras e as poesias autorais surdas representam a identidade do povo surdo, por meio dos textos poéticos autorais declamados durante as batalhas. Destarte, este evento é como um sarau de poesias, mas com regras diferentes e manifestações de representatividade social, onde vários grupos sociais se utilizam do gênero literário

como manifesto. Utilizaremos o termo *Slam* do Corpo e Corposinalizante, neste trabalho por se tratar do mesmo grupo de apresentações das poesias surdas.

As poesias apresentadas no *Slam* representam a literatura mais popularizada, uma vez que as batalhas acontecem em espaços e/ou auditório públicos. Este gênero possui um acesso popular literário com o uso de linguagem acessível, apresentando o protagonismo de grupos minoritários, como negros, *gays*, pobres, mulheres e outros que se encontram em vulnerabilidade social.

O *Slam* se expressa pelas palavras e pelo corpo, como um gênero produzido em duas línguas, Libras e Português.

[...] no encontro entre o poeta surdo e o poeta ouvinte, nos exercícios de língua e linguagem possíveis no espaço do *Slam* do Corpo [...] assim, o problema da tradução se desloca de sua herança melancólica e servil, para se afirmar como transcrição, uma mestiçagem tradutória – que, por ser criativa, autônoma e desobediente, cria um território relacional onde as línguas se beijam, se tensionam e se alargam. (LUCENA, 2017, p. 18-19)

Nessa manifestação acontece o entrelaçamento entre duas línguas, uma vez que, durante as apresentações das poesias, cada uma, com sua gramática, apresentam traços da cultura surda e da cultura ouvinte. Nas batalhas de poesias autorais com duração máxima de 3 minutos, durante as quais não se pode usar figurinos, adereços ou cenários. Para a *Slammer* D’Alva⁴ (2011), nas batalhas, os poetas não podem usar nenhum outro recurso, além do corpo e da língua em que se manifestam; o poema recitado seria nomeado de “autoperformance”. Nesse momento são formadas duplas de surdos e ouvintes que apresentam poesias autorais. Os jurados são escolhidos minutos antes, geralmente são surdos e ouvintes da plateia, que atribuem notas de 0 a 10 para as poesias apresentadas.

A partir dessas manifestações poéticas, pessoas surdas buscam refletir sobre a voz do grupo demonstrando aspectos de sua identidade e cultura em alguns versos sinalizados, manifestados pelo corpo e pela voz. É nesse cenário que a comunidade surda encontra uma forma de expor suas bandeiras, reivindicações e elementos culturais de seu povo.

⁴ Roberta Estrela D’Alva trouxe o *slam* para o Brasil no ano de 2008, depois de uma viagem aos Estados Unidos, e organizou em São Paulo o primeiro *Slam* (D’ALVA, 2011).

O grupo de surdos é minoritário se comparado ao grupo de pessoas ouvintes, sendo deste excluído social e historicamente por muito tempo, com o estereótipo de exclusão e estigma social. Levando em consideração os estudos e definições ao longo do tempo, uma pessoa com deficiência, de acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência:

[...] pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, LEI 13.146/2015)

Este novo conceito estabelecido, difere da nomenclatura utilizada anteriormente, que diziam que uma pessoa com deficiência era considerada um ser estigmatizado, porque possui características físicas que não se enquadram no grupo social dos ditos “normais”, “[...] reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma” (GOFFMAN, 1981, p. 12).

A partir da perspectiva do relativismo cultural, assim como outras culturas minoritárias, os grupos surdos começaram a ser entendidos dentro de seu próprio sistema simbólico e não como uma falta ou incompletude da cultura ouvinte. Mas, apenas uma cultura diferente. Ou nas palavras de Strobel (2009, p. 27) para definição de cultura surda: “[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”. Assim, é possível verificar signos da identidade surda quando levamos em consideração elementos culturais presentes nas manifestações poéticas do *Slam* do Corpo.

3. Pensando as identidades

Segundo Silva (2000) a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído. A construção da identidade do indivíduo surdo acontece em seu meio cultural, onde o sujeito surdo se encontra. A autora surda Perlin (1998) informa que a identidade acontece a partir da diferenciação, ou seja, a identidade surda se diferencia

da identidade ouvinte. A autora usa a metáfora de que ser surdo é usar “um óculos diferente dos ouvintes”.

Segundo Perlin (1998) os surdos podem ser categorizados em alguns tipos de identidades, uma delas é a Identidade Surda, em que o surdo se reconhece a partir de seus aspectos culturais e linguísticos, produzindo um discurso a favor da cultura surda e de sua construção de mundo através das experiências visuais. Nessa perspectiva os *slammers* apresentam em suas poesias representatividade e voz da comunidade surda a partir de sua experiência, demarcando sua identidade. Ao fazer isso também estabelecem a diferença quanto a comunidade de ouvintes, já que a diferença é um dos elementos constituintes da identidade.

A diferença é como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. (SILVA, 2000, p. 75-76)

Com base na argumentação apresentada a reflexão é a relação entre identidade e diferenças por meio das oposições binárias essa relação que acontece, afirmando e negando ao mesmo tempo, sou surdo/não sou ouvinte, sou negro/não sou branco, afirmando a identidade a partir da negação, os dois autores abordam esse conceito de maneira incomum entre eles.

As batalhas de *Slam* seria um local onde eles se diferenciam dos ouvintes, e protagonizam seu ponto de vista a partir da cultura surda. É possível perceber um discurso entrelaçado, nas poesias surdas, em que as duas comunidades interagem. Não se apresentam como rivais ou com disputa entre ouvintes ou surdos. Para a autora surda Strobel (2008, p. 112), as identidades se representam socialmente: “a identidade está relacionada tanto aos discursos produzidos, quanto à natureza das relações sociais, isto é, pode ocorrer nas fronteiras, identificatórias entre o próprio sujeito surdo e o sujeito ouvinte, quando obtém a consideração dos demais membros do povo surdo na comunidade a qual pertence”.

Dessa forma, pode-se inferir que os traços identitários dos surdos são construtos importantes representados nas poesias surdas. Com isso, a discussão sobre identidade se faz possível a partir das manifestações do *Slam* do Corpo.

4. Metodologia

A metodologia utilizada no estudo se deteve em material veiculado no ciberespaço, conhecida como Netnografia. Estudos no campo da etnografia virtual realizados por Hine (2004) e Kozinets (2014) trouxeram esta nomenclatura mais específica que traduziria uma prática já existente em termos de pesquisa. O estudo etnográfico na *internet* consiste em uma observação em ambientes virtuais, buscando compreender, etnograficamente, o fenômeno cultural dentro da sociedade que utiliza o ciberespaço para diversas práticas culturais (KOZINETS, 2014).

Segundo Castells (1999 *apud* CUNHA, 2018), a sociedade atual permeia espaços físicos e virtuais com suas práticas sociais, com a promoção de interações sociais, culturais e tecnológicas em rede, denominada de “cibercultura”, considerando um novo espaço de interação, mas de uma forma que envolva tecnologias, indivíduos e culturas. As pessoas interagem na *internet* por meio das interfaces sociais (os grupos sociais) que alimentam a cibercultura, possibilitando a interação no mundo virtual.

Os procedimentos metodológicos partiram de um levantamento que iniciou com a observação e seleção dos vídeos analisados (dos quais aqui analisaremos um destes) a partir de critérios estabelecidos antecipadamente condizentes com o objetivo do trabalho.

Sobre as questões éticas que envolvem a pesquisa no ciberespaço, utilizamos na coleta de dados e análise da materialidade do estudo, vídeos de *Slam* em Libras disponíveis em domínio público, dentro da página da *internet* do grupo *Corposinalizante*, buscando manter o respeito e a ética em todo o processo da pesquisa. Sendo submetida ao comitê de ética, antes do início da investigação.

É necessário ainda destacar que todas as pesquisadoras são ouvintes, e que uma delas pertence à comunidade surda, esta que fez as traduções entre Libras e Português realizadas nos vídeos selecionados para pesquisa.

Tomando por base o objetivo da pesquisa, que é analisar a performance de Slam e sua relação com a identidade surda, trouxemos como pressupostos de análise o modelo mais recente de método da ADC⁵, denominado o modelo de análise tridimensional do

⁵ ADC - A abordagem metodológica da ADC, tem três dimensões: a descrição do texto, a interpretação da interação e a explicação de como as duas primeiras dimensões estão inseridas na ação social (FAIRCLOUGH, 2001).

discurso. A partir dele buscamos identificar a significação da linguagem a partir da produção e mudança social percebidas dentro do discurso das apresentações do *Slam* do Corpo.

Essas três dimensões da análise vão inevitavelmente estar superpostas na prática; por exemplo, os analistas sempre começam com alguma ideia da prática social em que se situa o discurso. Mas a sequência é útil para ordenar o resultado do engajamento de alguém em uma amostra discursiva particular antes de apresentá-la na forma escrita ou falada. Note-se que envolve uma progressão da interpretação à descrição e volta à interpretação: da interpretação da prática discursiva (processos de produção e consumo de texto) à descrição do texto, à interpretação de ambos à luz da prática social em que se situa o discurso. Não é necessário proceder nesta ordem, e os analistas podem começar da análise do texto, ou de fato da análise da prática social. A escolha dependerá dos propósitos e das ênfases da análise. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 282)

As etapas metodológicas envolveram critérios de inclusão e exclusão de dados junto com um levantamento na *internet* em *sites*, *blogs*, redes sociais e plataformas de vídeo com o intuito de verificar a escolha dos canais a serem estudados e para o levantamento do *corpus* da pesquisa, os vídeos do grupo de surdos.

A partir disso buscou-se definir quais grupos deveriam ser analisados nas plataformas da *internet*. Pela abundância de material foi eleito um grupo para o estudo sobre o *Slam* na *internet*. Estender o número poderia ocasionar dificuldades, sobretudo neste contexto de intensas relações mediadas pelas mídias digitais, fator de risco nada favorável ao desenvolvimento dessa pesquisa.

Os critérios para selecionar o grupo a ser estudado foram: ter uma representatividade no meio cultural surdo e ter uma considerável quantidade de materiais que podiam ser analisados. A partir disso a pesquisa foi se direcionando para duas plataformas: *Youtube* e *Vimeo* onde foi encontrado vídeos de *Slam* para a observação e estudo. Usando as palavras chaves: cultura surda, *slam* em libras, literatura visual e poesia em libras, iniciamos uma busca no canal do *Youtube* no qual encontramos a página do grupo *Corposinalizante*, mas não havia vídeos de *Slam* em Libras. Somente vídeos antigos com um dos fundadores do grupo com nenhuma materialidade que abordasse o *Slam* do Corpo do corpo. Em seguida buscamos na plataforma do *Vimeo*, onde encontramos um número maior de vídeos que poderiam compor a materialidade para a pesquisa.

Identificamos e excluímos algumas outras possibilidades considerando que o grupo “*Corposinalizante*”, além de atender todos os pressupostos supramencionados, foi

o grupo pioneiro entre os grupos de *Slam* em Libras, sendo referência para outros grupos de surdos que promovem esse estilo de poesia.

Na observação dos vídeos, chegamos ao número de 28 vídeos inéditos disponibilizados na plataforma *Vimeo*, publicados a partir do ano de 2017. Daí passamos para o recorte da pesquisa e análise de dados, criando os seguintes critérios de inclusão para levantamento de dados para análise: a) poesias do grupo nos últimos 5 anos; b) poesias com o tema: “Identidade” e “Cultura Surda”; c) poesias de poetas com representatividade na comunidade surda; d) vídeos disponibilizados na plataforma *Vimeo* do grupo *Slam* do Corpo; e) vídeos com boas edições, recursos de legenda, áudio e performances; f) vídeos com imagens nítidas, para fazer o estudo da imagem. E como critérios de exclusão: a) poesias infantis; b) poesias com temas fora dos objetivos da pesquisa; c) poesias com autores que não participam da comunidade surda; d) poesias com palavras; e) poesias com mais de 3 minutos.

Após a escolha, partimos para análise dos vídeos de *Slam*, buscando fazer a relação entre a produção cultural surda e a percepção identitária dos sujeitos surdos, apresentadas nas poesias do grupo *Slam* do Corpo. Para o tratamento dos resultados utilizamos os pressupostos da ADC baseando-nos na perspectiva de Fairclough (2001) e seus estudos críticos do discurso, como já anunciado.

5. Poesia Negro Surdo e a produção das identidades

O vídeo de *Slam* selecionado para esse artigo traz o poema criado em Libras pelo *slammer* Edinho Santos, e transcrito⁶ por James Bantu. O *slammer* Edinho dos Santos⁷ é uma referência dentro da comunidade surda e se declara como negro e surdo. Em suas poesias exibe discussões sobre as questões raciais dentro da comunidade surda. Sua dupla nas performances é o ouvinte compositor James Bantu. Juntos, eles fazem poesia, uma poesia que nasce do corpo, não das palavras. James Bantu comenta a sua relação com o Edinho dos Santos: “Inicialmente eu fui convidado a ler a poesia, mas eu disse

⁶ Encontro entre o poeta surdo e o poeta ouvinte, onde existe no espaço do *Slam* do Corpo uma transcrição, uma mestiçagem tradutória (LUCENA, 2017).

⁷ Entrevista com o *Slammer* Edinho Santos, revista TRIP TV, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=20dovmD3Y1A>>.

não. Se eu tiver que ler alguma coisa, que seja o Edinho” (TRIP TV, 2018). Ainda na descrição do vídeo da Trip TV, há essa definição sobre Edinho:

Edinho encontrou na poesia e nos *slams* uma forma de expressar o que lhe atingia, mas não podia dizer com a própria voz. Surdo, ele se uniu ao compositor James Bantu para criarem juntos ritmo, expressão e sentimento, ultrapassando o circuito dos saraus em libras e alcançando a final do *Slam* BR, principal competição de poesia falada do Brasil. (TRIP TV, 2018)

Por ser um poeta conhecido na comunidade surda, ele traz a representatividade entre Negro e Surdo, por isso sua poesia foi uma das selecionadas para análise. Essa performance aconteceu no *SLAM-SP 2017* e a poesia ficou em 3º lugar na batalha de *Slams* no Sesc, em 24 de maio, São Paulo/SP.

NEGRO SURDO

Poema de Edinho Santos criado em Libras e transcrito por James Bantu.
(*Slam* do Corpo, 2017)

Vocês conhecem poesia?

Eu trago poesia de periferia, poesia de favela

Identidade Negro Surdo

A cidade me alveja com seus sons, suas luzes, suas faíscas, são como estrelas caídas no chão.

A polícia

A polícia adora preto!

Adora pegar, amordaçar, algemar

Se trancam minhas mãos, trancam minha fala

Como eu comunico?

Como eu me explico?

Eu preciso das mãos para falar

A polícia não entende

A comunicação não funciona

Eles não entendem a nossa língua

Não tem referência, Martin Luther King; Mandela;

Conceição Evaristo; Dandara; Zumbi dos Palmares

Eu sou referência

Sou Negro, Sou Surdo e eu dissemino

Identidade Negro Surdo

Alvejado pelo som da cidade

A polícia persegue, não têm empatia

Pela cidade recebo sons, recebo tudo

E me esquivo do caminho

Ogum no meu caminho vai abrindo

Salve Ogum!

Sinaliza em Libras o caminho para eu passar.

O poema do *slammer* Edinho, de forma mais geral, divide-se em 3 momentos: o primeiro estabelece o lugar, situando o leitor sobre qual o ambiente onde a poesia foi criada e até onde é manifestada. No segundo momento é percebido as relações de poder exercida entre determinados grupos, e como o *slammer* se posiciona a partir desse grupo no qual ele se considera participante. Nesse momento é possível notar a representação do grupo hegemônico, composto por ouvintes, que assume a representação dominante da estrutura social. O outro grupo, contra hegemônico, composto por os surdos que formam uma comunidade minoritária, esta que, por muito tempo, foi silenciada e representada/narrada pelo grupo de ouvintes. No terceiro momento é percebido a representatividade que ele carrega e seus traços identitários representados por sua cultura, como negro e como surdo. Verificamos a partir do uso de certas impressões como “*identidade/ negro surdo/ língua/ comunicação/ empatia/ minha fala/ dissemino*”, os elementos representativos para o *slammer* Edinho explicitados a partir de sua própria voz e performance na poesia.

A partir de agora, iremos verificar os elementos que se relacionam com a identidade e cultura surda. Pode-se verificar nos trechos selecionadas os seguintes destaques:

NEGRO SURDO

Autor: Edinho Santos

Vocês conhecem poesia?

Eu trago poesia de periferia, poesia de favela

Identidade Negro Surdo

[...]

Eu sou referência

Sou Negro, Sou Surdo e eu dissemino

Identidade Negro Surdo

Com base no recorte apresentado, é percebido palavras/sinais que se repetem. “Negro” e “surdo” são os pontos em comum analisados como categoria analítica da dimensão textual. Outro ponto das análises em comum apresenta uma interdiscursividade, um jogo de remissões entre discursos que tiveram um suporte textual, mas cuja configuração não foi memorizada (CHARAUDEAU, 2011). A interdiscursividade é aqui considerada como uma prática discursiva, a partir do local em que circulam os poemas sinalizados em tom de manifesto.

Fundamentando a análise tridimensional da ADC (dimensão textual, prática discursiva e prática social), procuramos analisar como esses elementos, por vezes semelhantes, e até iguais se apresentam dentro dessas dimensões discursivas nos trechos selecionados para análise.

É possível perceber os traços da identidade cultural surda, assim como também elementos que mostram o local de onde esse surdo traz sua fala, sua voz, sua língua. Elementos em que nesse discurso reverbera, o autor denomina como “poesia de periferia”, “poesia de favela”, afirmando um espaço à margem pouco representado dentro do estado social, evidenciando as relações hegemônicas e de poder. Quando o autor informa qual estilo de poesia ele faz, também mostra quem ele representa e como ele se identifica.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. (RIBEIRO, 2017, p. 63)

O *Slam* traz uma prática discursiva, elaborada e consumida por um grupo social, neste caso a comunidade surda, esta que, historicamente, foi oprimida e subjugada pela hegemonia da comunidade ouvinte. Mas, hoje através do grupo *Slam* do Corpo e suas poesias visuais, pode ter um espaço, um lugar onde procura apresentar sua voz e sua representação identitária. Nessa prática discursiva verificamos uma força interlocutória, entendendo aqui como uma potência linguística, com elementos da cultura surda e da identidade, que se apresentam com uma ênfase nas poesias surdas.

A partir dessa perspectiva, o trecho em destaque da poesia de *Slam*, demonstra a Identidade Surda, onde o poeta se reconhece como referência de sua cultura e como elemento importante para disseminação da própria.

Para Skliar (1998) a representação da identidade surda acontece a partir do discurso da diferença, enquanto uma prática de normatização do sujeito surdo a regras e normas do padrão ouvintista. Dito isso, a partir da fala “Identidade Negro Surdo”, o *slammer* Edinho coloca a diferença entre o ouvinte e o surdo, onde ele mostra que ser surdo traz representatividade para a própria comunidade surda.

Ainda discutindo sobre identidade, Gregolin (2008, p. 81) afirma ser possível “[...] pensar a identidade como efeito de sentido produzido pela e na linguagem”.

Podemos perceber na performance do *slammer* Edinho, como traços da sua construção identitária são apresentados como uma descrição de seu pensamento ao longo da vida, onde o conceito de identidade se modifica ao longo da história conforme os modos de se pensar o sujeito.

A comunidade, para o sujeito surdo, seria um lugar de partilha de sentimentos, religião, cultura, língua e elementos que representam a ideia de pertencimento de seus sujeitos inseridos em grupo (PEIXOTO, 2018; STROBEL, 2008).

Com base nisso, podemos trazer a perspectiva de Hall (2006), para quem o grupo minoritário, os surdos “tensionam” o ambiente social, uma vez que o grupo maior, ouvintes, se diferencia do grupo local, convivendo a partir de sua diferença com outros grupos sociais. Essa diferença determina os laços e o sentimento de pertencimento, em determinados grupos.

Entre os surdos, se diferenciar por seus aspectos culturais apresentados nas manifestações do *Slam*, não seria apenas um ato poético, mas uma forma de tensionar o ambiente social, ocupando espaços e causando um estranhamento na sociedade. Como também resistir à hegemonia do grupo de ouvintes a partir do seu próprio discurso surdo, com a poesia de *slam*.

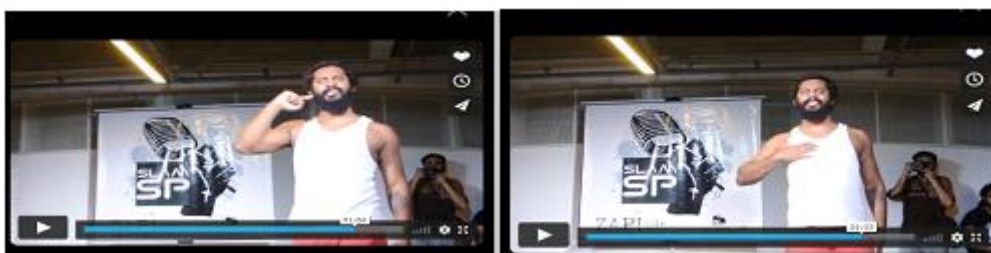
Assim, podemos dizer que o *Slam* no grupo de surdos se apresenta como gênero discursivo que carrega traços da identidade cultural e política em que os *slammers*, através de suas falas, produzem representatividade e voz. Na poesia de Edinho, quando ele sinaliza “*Sou Negro, Sou Surdo e eu Dissemino/ Identidade Negro Surdo*”, o poeta apresenta em seu ato performático, as ideias e leituras que faz a partir do mundo que o perpassa enquanto surdo e negro. Uma vez que este tema é colocado em seu discurso, trazendo também a perspectiva identitária sobre isso, o poeta apresenta de uma forma eufêmica, olhares mais leves e poéticos sobre temas complexos como deficiência e negritude.

A maneira como o discurso do *Slam* apresenta esses temas tão presentes na sociedade, mas também ao mesmo tempo silenciados e pouco representados. Nos mostra que o *Slam*, enquanto gênero discursivo, se apresenta pela performance poética buscando trazer a força do discurso minoritário, de grupos como negros, periféricos, surdos, mulheres, militantes e alguns outros subalternizados.

Os traços identitários que o *slammer* Edinho anuncia na sua poesia apontam para uma identidade negra plural, a partir de como ele se enxerga e como a sociedade o diferencia (BAUMAN, 2005). Dito isso é possível considerar que essa ideia pode ser relacionada com a discussão de Hall (2006, p. 87) quando afirma: “as identidades nunca são plenamente e finalmente feitas, elas são incessantemente reconstituídas e como tal, estão sujeitas a uma lógica volátil [...]”

Percebemos também a representação da identidade como prática que acontece no discurso da poesia analisada, onde o autor busca colocar a própria voz, reforçar seu traço cultural e identitário, ao produzir a narrativa sobre ser surdo através das mãos e do corpo ao sinalizar: “*Sou Negro, Sou Surdo e eu dissemino*”, como mostram as figuras abaixo:

Figura 1 – “Sou Negro, Sou Surdo e Eu Dissemino”



Fonte: Negro Surdo (Vimeo, 2017).

Figura 2 – “[...] Eu Dissemino”



Fonte: Negro Surdo (Vimeo, 2017).

De acordo com Perlin (1998), as identidades culturais das pessoas surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas se moldam de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural e consciência da representação de si mesmo, indo numa

direção diferente de outros grupos, os ouvintes, mostrando a existência e resistência dos surdos.

No caso do *slammer* Edinho, ele busca reverberar em seu discurso essa representatividade de forma consciente, uma vez que é importante entre os surdos, que representantes tragam esse discurso de forma socialmente reconhecida e ampliada.

Podemos compreender a sua ideia a partir do uso do verbo disseminar, que traz o significado de divulgar(-se), difundir(-se), propagar(-se) (MICHAELIS, 2021). O sujeito que se utiliza dessa expressão estaria ciente de sua representatividade linguística, social e cultural entre os surdos.

Nesse trecho em específico, a figura 02 da apresentação do *slammer* Edinho, além da palavra em português, recitado por James Bantu de forma ritmada, temos a sinalização em Libras, que também se configura como um sinal polissêmico, podendo significar nesse contexto os mesmos significados metafóricos representados pelo dicionário da língua portuguesa.

Inferimos que essa representação proposta como construção discursiva da identidade, apresenta a fala que propõe os traços da identidade negra e surda, se contrapondo ao outro, no caso o branco e o ouvinte. Nessa perspectiva a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença (SILVA, 2000).

Então, essas identidades Negro e Surdo, representadas no corpo-texto na performance poética do *Slammer*, mostram traços de construção identitária, sugerindo como ele enxerga quem é, diante da apresentação poética.

De acordo com os estudos de Quadros e Spence (2006), a produção poética em língua de sinais é uma manifestação de orgulho surdo, expressão literária e um símbolo afirmação da identidade e resistência, mostrando como esse sujeito se enxerga, a partir do lugar que ele não está, no caso, o grupo hegemônico de ouvintes.

Segundo Hall (2006), as identidades não são unificadas, sua constituição se apresenta por meio das relações sociais com as outras pessoas de diversas outras culturas. Esse sujeito, ao se constituir com sua identidade, seria, portanto, um sujeito fragmentado, composto de várias identidades definidas socialmente. Perceptível essa ideia também no trecho em destaque da poesia, tanto nas palavras translidas pela dupla

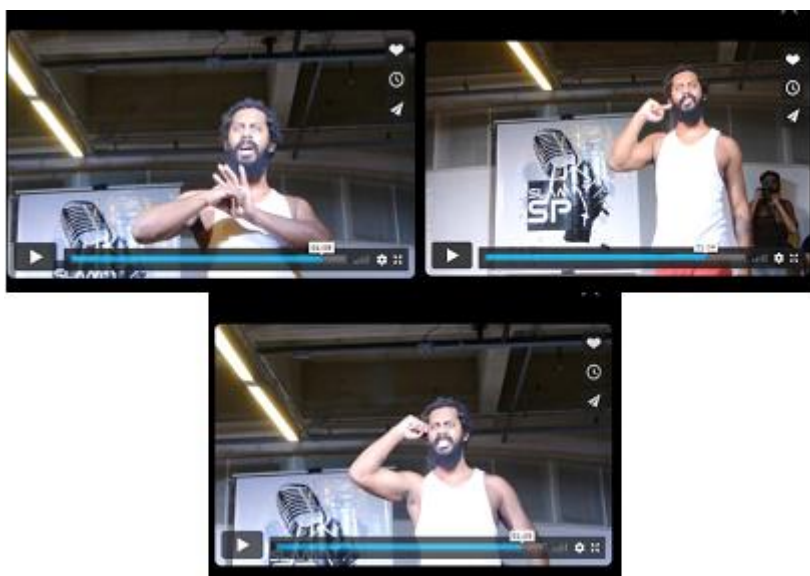
de Edinho, como também representada na performance do corpo do *slammer* surdo, que também mostra elementos da sua identidade enquanto negro.

Continuando a discussão sobre as identidades e como elas se representam socialmente, a autora surda Strobel (2008, p. 112) afirma:

[...] A identidade está relacionada tanto aos discursos produzidos, quanto à natureza das relações sociais, isto é, pode ocorrer nas fronteiras, identificatórias entre o próprio sujeito surdo e o sujeito ouvinte, quando obtém a consideração dos demais membros do povo surdo na comunidade a qual pertence [...].

Dessa forma podemos inferir que os traços identitários dos surdos, usados na poesia, são um construto individual/ social, que faz circular representações possíveis de serem reconhecidas/ identificadas pela comunidade surda, como é possível verificar nas figuras a seguir:

Figura 3 – “[...]Identidade Negro Surdo”



Fonte: Negro Surdo (Vimeo, 2017).

É possível também observar nesse recorte da fala do *slammer* a sua representatividade enquanto sujeito negro e surdo. Para Fairclough (2001), a construção das identidades sociais e posições de sujeito, ou seja, os tipos de “eus” se apresentam no discurso. Podemos verificar o “EU” negro e o “EU” surdo, no discurso do *slammer* Edinho.

A forma como ele traz essa identificação enquanto sujeito que vive socialmente, e como esse ato de representação desse “eu” também acontece na expressão de seu corpo,

não apenas pelo fato de trazer esse discurso pelas mãos, através da língua de sinais, mas também por mostrar que corporalmente esse sujeito surdo traz elementos que incorporam a ele esse discurso identitário. O seu corpo também fala, o corpo também é um ato performativo que transmite um discurso.

O corpo também fala, o sujeito pode produzir um ato corporalmente, em que ato de fala exige do corpo. O agir no ato de fala é o agir no corpo, em que a relação entre linguagem e corpo também é um agir, no caso do discurso, seria um falar, mostrar pelo corpo e pelo discurso.

A partir da manifestação do grupo Corposinalizante, conseguimos observar que os poemas são apresentados na língua de sinais e pelo corpo. Surgem em enunciados performativos que buscam afirmar através do discurso representativo do *Slam* algumas ideias, vivências, tradições e outros elementos que são importantes aos surdos. Assim também a representatividade surda no corpo, na performance em Libras, sua língua, busca transmitir a sua identidade, ou pelo menos reforçá-la.

6. Considerações finais

Esse estudo teve o intuito de investigar como os sujeitos surdos se percebem a partir da produção cultural de poesias do *Slam* do Corpo. Uma reflexão desenvolvida em diálogo com pesquisadores e autores surdos que trouxeram sua ótica sobre a temática da identidade e cultura surda. Assim como também outros autores que trazem estudos com uma perspectiva diferente da surda.

Como resultados, podemos considerar que a pesquisa realizada nas produções culturais surdas no *Slam* do Corpo, permitiu observar que, mesmo com a hegemonia ouvinte, há pessoas do grupo de surdos busca resistir com seu protagonismo a partir das poesias autorais surdas. Verificamos que a partir desses discursos surdos, o reforço da identidade surda na perspectiva de uma luta contra hegemonia ouvinte, se faz presente.

Quando um surdo, um negro, ou outro grupo à margem, trazem de forma poética, suas falas, suas dores, suas conquistas e impressões sobre o mundo, esses indivíduos inspiram outros sujeitos, fazendo com que pessoas negras, surdas e outros grupos considerados minoritários no respeito aos seus direitos, possam sentir-se representados

pela voz de um poeta *slammer*, este que apresenta uma poesia próxima da sua realidade social.

Com a pesquisa foi possível perceber que os surdos têm o espaço do *Slam* como um lugar de resistência e apresentação de seu discurso surdo, um pouco longe da censura que outros espaços artísticos e culturais que poderiam silenciá-los, e não permitir que eles apresentassem a forma como eles se percebem socialmente.

Assim é possível perceber que o *Slam* mostra um novo tipo literário a partir de uma expressão artística literária mais popularizada, com temas mais acessíveis às mais variadas classes sociais, em especial para as classes menos abastadas economicamente.

Podemos notar que esse tipo de produção cultural influencia diretamente a comunidade surda, como também incentiva o surdo a impactar outras gerações. Essa ação fortalece o grupo de surdos e mantém a tradição cultural da comunidade surda, sem contar que também mostra o quanto as manifestações artísticas são importantes para a cultura de um povo.

Quanto a perspectiva acadêmica, os conteúdos discutidos aqui demonstram que muitas outras pesquisas ainda podem ser realizadas sobre as identidades e o grupo de surdos. Além disso, identificamos que é possível, a partir de outras poesias do *Slam* do Corpo, a discussão de temas relacionados ao racismo, machismo, desigualdades e outros temas encontrados nas poesias.

Referências bibliográfias

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2002. Disponível em:

<https://www.udesc.br/arquivos/udesc/documentos/Lei_n__10_436__de_24_de_abril_de_2002_15226896225947_7091.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 24 mai. 2022

CUNHA, Rafael da Silva da. *Literatura de cordel em rede: o fazer com tecnologias digitais*. 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado em Cognição, Tecnologias e Instituições) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições, UFERSA, Mossoró, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932/15637>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em: <<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

DISSEMINAR. In. *MICHAELIS* – moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=disseminar>>. Acesso em: 15dez. 2021.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Língua (gem)*, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 81-97, jun. 2008. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/2-gregolin-linguagem-objeto-aindanc3a3o-identificado.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GOMES, B. C. *Uma análise das obras da Literatura Surda infantil no Brasil*. 2016. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Graduação em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. *Etnografia Virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. *ETD – Educação Temática Digital, Campinas*, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 out. 2021.

- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.
- LUCENA, Cibele. *Beijo de Línguas: quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- NEGROSURDO. São Paulo, *Slam do Corpo*, 2017. Vídeio: Nayane Rodrigues. *Vimeo*. 1 vídeo (2min36seg). Publicado pelo *Canal Slam do Corpo*. Disponível em: <<https://vimeo.com/240744968>>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- NEVES, Cinthia Agra de Brito. *Slams: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. *Linha D'Água*, Campinas. v. 30, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/135272>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- PEIXOTO, Janaína Aguiar. *O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil*. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPB, João Pessoa, 2016.
- PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos (org.). *Artefatos Culturais do povo surdo: discussões e reflexões*. João Pessoa: Sal da Terra, 2018.
- PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 51-73.
- QUADROS, Ronice Müller de; SPENCE-SUTTON, Rachel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos Surdos I*. Petrópolis RJ: Arara Azul, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANTOS, Natiellyde Jesus. O Slam do corpo e a representação da poesia surda. *Revista de Ciências Humanas*, v. 18, n. 11, p. 1-13, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.
- SILVA, Gabriela Grigolom. 1º Slam Resistência Surda: entrevista com poetisa e organizadora. 2018. Entrevista concedida a Michel Urânia. Disponível em: <<http://www.aescotilha.com.br/colunas/zero-pila/1o-slam-resistencia-surda-entrevista-gabriela-grigolom-silva/>>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73- 102.
- SKLIAR, Carlos. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.
- SLAM DO CORPO. São Paulo, *Slam do Corpo*, 2017. *Vimeo*. Publicado pelo Canal *Slam do Corpo*. Disponível em: <<https://vimeo.com/user65325571>>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. *História da Educação de Surdos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

TRIP TV. *O Silêncio e a fúria – poetas do corpo*. (2018). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=20dovmD3Y1A>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

VEIGA-NETO, A. Incluir para saber. Saber para excluir: Educação especial e políticas inclusivas. *Pro-posições*, v. 12, n. 2, p. 22-31, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643993>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomas Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

Recebido em 01/03/2022

Aceito em 26/06/2022

ⁱ **Gerciane Maria da Costa Oliveira** é professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2015). Membro permanente do corpo docente do Mestrado Acadêmico em Cognição, Tecnologia e Instituições (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE). Coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciências Humanas (CNPq). Participa do Grupo de Políticas Públicas e Economia Criativa (UECE) e da Rede Luso-brasileira Todas as Artes/Todos os Nomes. **E-mail:** gerciane.oliveira@ufersa.edu.br

ⁱⁱ **Kyara Maria de Almeida Vieira** é professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Doutora em História (UFPE). Atua no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições. Membro do Arquivo Lésbico Brasileiro, da Rede Historiadorxs LGBTQI+, da Rede Latino-Americana de Arquivos, Museus, Acervos e Investigadores LGBTQIA+. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciências Humanas (CNPq), do Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais (CNPq). **E-mail:** kyara.almeida@ufersa.edu.br

ⁱⁱⁱ **Denise Penha Viveiros** é Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Cognição, Tecnologia e Instituições na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (PPGCTI/UFERSA); Professora de Libras da Universidade Estadual do Ceará (CH/UECE). **E-mail:** prof.devivei@gmail.com